

POR UMA INTERPRETAÇÃO TEOLÓGICA DA POESIA SOCIAL DE DRUMMOND

FOR A THEOLOGICAL INTERPRETATION OF DRUMMOND'S SOCIAL POETRY

Antônio Wagner Veloso Rocha

Resumo: A indústria de destruição humana gerada pela Segunda Guerra Mundial provocou no âmbito da filosofia, da literatura e do pensamento de um modo geral, inúmeras revoltas e inconformismos não apenas no continente europeu, mas em todo o mundo. Sendo assim, o Brasil não constituiu uma exceção. Os horrores da guerra também impactaram a literatura brasileira. Marcadamente influenciado por esse triste acontecimento, o livro *A rosa do povo* (1945), de Carlos Drummond de Andrade, a partir do conjunto dos seus poemas, apresenta uma fértil reflexão acerca da falta de perspectivas do mundo e do homem diante da realidade da guerra. A angústia de Drummond, impulsionada pela sua consciência política, social e humanista é algo premente, fazendo o poeta colocar sob suspeita a ação efetiva de Deus no mundo. Baseando-se nestes aspectos, o presente trabalho discutirá a maneira como Drummond concebe esse tempo de barbárie, exprimindo a sua solidariedade às vítimas da guerra e a todos os povos por ela atingidos, a exemplo dos judeus. Assim, o nosso intento corresponde a mostrar que apesar do poeta se posicionar como um homem sem esperança e incerto quanto à existência de uma força divina que rege a vida, paradoxalmente, o seu sentimento solidário, o seu clamor pela emergência de um mundo justo e sem guerras apontam para um horizonte pertencente à utopia do cristianismo.

Palavras-chave: Drummond. Poesia social. Religião. Literatura brasileira.

Abstract: The industry of human destruction generated by the Second World War has motivated in the domain of philosophy, literature and thought in general innumerable revulsions and nonconformities not only in the European continent, but also throughout the world. Therefore, Brazil was not an exception. The horrors of war have also impacted Brazilian literature. Notably influenced by this distressing event, the book *The Rose of the People* (1945), by Carlos Drummond de Andrade, from the set of its poems, presents a fertile reflection on the lack of perspectives of the world and mankind facing the reality of war. Drummond's anguish, driven by his political, social and humanist conscience, is a prominent

imperative topic, making the poet put under suspicion the effective action of God upon this world. Based on these aspects, this study discusses the way in which Drummond conceives this time of barbarism by expressing his solidarity to the victims of the war and to all those people affected by it, like the Jews. Thus, our attempt aimed to show that, despite the poet's position as a man without hope and unsure about the existence of a divine force that rules life, paradoxically, his sense of solidarity, his cry for the emergence of a just world and without wars point to a horizon belonging to the utopia of Christianity.

KEY WORDS: Drummond. Social poetry. Religion. Brazilian literature.

A experiência da guerra sempre foi tema recorrente na literatura, na filosofia, nos textos sagrados e nas artes de um modo geral. Desde os tempos mais remotos os homens vêm criando frentes de batalha, instaurando diversas formas de barbárie, colocando-se uns contra os outros, promovendo a destruição e o extermínio. A guerra significa a falta de possibilidade de diálogo e compreensão entre os próprios homens, as sociedades, as nações, as religiões. É o ápice da intolerância, da violência, do desequilíbrio e da brutalidade. A maneira como a guerra se faz presente no mundo ao longo dos séculos pode ser verificada através de recorrências à Guerra de Tróia, tão decantada nos poemas épicos de Homero, até os recentes conflitos civis na Síria. Entretanto, não há dúvida de que as duas guerras mundiais do século XX foram as que mais se destacaram em termos de proporções e envolvimento dos países considerados grandes potências, causando resultados catastróficos.

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945), sem dúvida, a mais sangrenta de toda a história, impactou fortemente a poesia de Carlos Drummond de Andrade, inspirando o conjunto de poemas sob o título de *A rosa do povo*. Nesta obra o poeta se vê diante de um mundo dilacerado. O cenário dos horrores da guerra comparece em sua escrita alargando assim a dimensão da sua consciência crítica e revolucionária. A realidade político-social já enfatizada anteriormente em *Sentimento do mundo* (1940) coloca em evidência a incerteza do poeta quanto aos rumos da humanidade. Trata-se não simplesmente de um registro testemunhal do seu tempo, mas de uma densa e inesgotável reflexão acerca de um fato que afligia não somente a Europa, mas todos os continentes.

Escrita durante o período de vigência da guerra - concebido por Drummond como algo pertencente a “um tempo de partido,/ tempo de homens partidos”¹ –, *A rosa do povo* é uma obra em que a linguagem poética insurge rigorosamente contra a linguagem do Terceiro Reich e de todo tipo de discurso totalitário forjado pelos regimes nazi-fascistas. Trata-se de uma voz que se levanta em meio às ruínas do mundo para denunciar a tirania e se colocar como uma expressão de solidariedade aos povos e grupos sociais atingidos pelos

¹ ANDRADE, 2007, p. 38.

bombardeios e outras formas de torturas provocadas pela fúria dos soldados de Adolf Hitler.

A linguagem foi utilizada pelos nazistas como recurso de persuasão e alienação com o intuito de oprimir, escravizar e exterminar as suas vítimas sob o comando de um idealismo estúpido e desumano. Todo o aparato de propaganda e promoção dessa organização militar, os inúmeros discursos impregnados no meio social, adinham de uma *práxis* linguística relacionada a uma noção de linguagem meramente instrumental.

A política totalitária exercida pelo Estado nacional-socialista alemão viu ascender suas forças ao utilizar-se do poder visando o controle das sociedades e, alimentando-se dos seus mais hediondos anseios, acabou produzindo um sentimento de desespero absoluto, de impotência e de incerteza quanto ao destino da humanidade. No evento histórico da Segunda Guerra encontramos, então, um exemplo extremo do uso instrumental da linguagem, da violência cometida contra a própria língua e contra os judeus. A linguagem nazista corresponde às dimensões de um poder autoritário, às determinações referentes ao cálculo da realidade e à razão a serviço do controle. As palavras de ordem, os jargões do domínio, se espalhavam por todos os lados.

O regime nacional-socialista, de maneira ardilosa e criativa, se empenhou ferrenhamente na confabulação de inúmeros discursos e propagandas com o propósito de legitimar as ações da sua ideologia, promovendo consideráveis alterações do léxico alemão e do sentido real das palavras. Tudo isto para seduzir o povo e submetê-lo a um processo de convencimento quanto à necessidade de obter o triunfo da raça pura e a hegemonia política dessa raça sobre o mundo.

A ditadura de Hitler, ao promover o extermínio de milhões de seres humanos, tendo o abuso dos artifícios da língua como um dos seus recursos de persuasão, - redirecionando os conteúdos semânticos da linguagem em função dos interesses do Estado -, através das suas mensagens, realçava a necessidade e urgência dos seus intentos políticos, imprimindo-os no cotidiano das pessoas e, ao mesmo tempo, acabavam por ocultar a verdade acerca dos planos de poder que pretendia atingir.

Atesta Víctor Klemperer, professor e filólogo judeu-alemão, alvo de

sistemática perseguição pelos nazistas na cidade de Dresden (Alemanha), que “o nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases impostas pela repetição, milhares de vezes, e aceitas inconsciente e mecanicamente”². Esta afirmação encontra-se no livro *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*, do professor Klemperer. Trata-se de um conjunto de escritos, cujo título formulado em língua latina (“*Lingua Tertiilmperi*”) corresponde a uma maneira encontrada pelo autor para confundir a Gestapo, polícia política do Estado nazista.

As anotações e observações contidas no livro a partir dos testemunhos de Klemperer trazem densas reflexões sobre como a linguagem engendrada pelos torturadores tornou-se um instrumento de manipulação. O que se vê, então, nesse contexto de total destruição da vida, o chamado Terceiro Reich, é também a morte da linguagem, sintomaticamente sobrepujada à linguagem da morte que se instaurou naquele período.

A força das expressões linguísticas atribuiu definitivamente ao regime nazista um caráter messiânico a partir das suas adulterações. A “divinização” de Hitler impregnou-se em todos os lugares, propagando a ideia de que ele seria o salvador do povo e foi assim que o próprio povo passou a concebê-lo, prostrando-se diante de tudo aquilo que as suas promessas “salvíficas” representavam, como se estivessem mesmo diante de Deus. Essa prática consistia na apropriação dos textos das Sagradas Escrituras a fim de alterá-los de acordo com as conveniências ideológicas dos nazistas. Isto resultou, portanto, conforme definiu Klemperer, ironicamente, na “bíblia do anti-semitismo”.

Em um dos exemplos sobre a adulteração dos termos alemães com o intuito de apregoar a ideologia do regime, aponta Klemperer:

Se por um longo tempo, alguém emprega o termo “fanático” no lugar de “heróico” e “virtuoso”, ele acaba acreditando que um “fanático” é mesmo um herói virtuoso e que sem fanatismo não é possível ser herói. As palavras “fanático” e “fanatismo” não foram criadas pelo Terceiro Reich, mas seu sentido foi adulterado; em um só dia eles eram empregados mais do que em qualquer outra época³

² KLEMPERER, 2009, p. 55.

³ KLEMPERER, 2009, p. 56.

Na crítica de Klemperer à instrumentalização da linguagem no período da Segunda Guerra, destacamos ainda a seguinte observação, dentre muitas: “A linguagem revela; por vezes, alguém procura esconder a verdade por meio da linguagem, mas a linguagem não mente”⁴.

Klemperer não chegou a ser conduzido aos campos de concentração, mas sofreu vários tipos de torturas e ameaças, tendo os seus direitos referentes à cidadania alemã subtraídos pelo regime e, além disso, foi impedido de continuar lecionando e de freqüentar a biblioteca pública.

O livro de Klemperer, assim como tantos outros surgidos no pós-guerra, apresenta em seus escritos testemunhais – frutos de apontamentos e observações dos diários do autor -, não apenas os relatos dessa catástrofe que se abateu sobre a Europa e o mundo, mas uma tentativa de traduzir a dor e de compreender as dimensões monstruosas desse evento. A retórica nacional-socialista impingia nas sociedades mensagens contendo inúmeros preconceitos contra os judeus e ainda procuravam convencer o povo de que esses eram seus inimigos.

Muitas das expressões utilizadas para esses fins e que sofreram adulterações, permaneceram até o final do regime, tendo outras se desvanecido, e outras ainda passaram a ser empregadas novamente a partir dos seus significados corretos. Apesar disso, a violência cometida contra a língua alemã e o empobrecimento das suas estruturas de comunicação, tornaram-se um registro indelével na desastrosa história do holocausto.

Consciente do caráter libertador da linguagem poética, Drummond escreve imbuído do ofício de mostrar que a poesia, em todo momento, deve lutar contra a *destruição do ser*. Revisitando a fortuna crítica desse poeta, observa-se uma unanimidade no entendimento de que ele, sem dúvida, utilizou a criação literária como uma forma de atuar na defesa implacável das causas humanas. Antônio Cândido (“Inquietudes na poesia de Drummond”. In: *Vários escritos*) assevera que a consciência social drummondiana torna-se uma espécie de militância através da poesia, sendo que esta, mesmo diante dos obstáculos do mundo, se arremessa sempre para frente. Affonso Romano de Sant’Anna, em seu

⁴ KLEMPERER, 2009, p. 442.

livro *Drummond: o gauche no tempo* situa a ascensão do nazismo e do fascismo, bem como o acirramento das questões ideológicas entre capitalismo e comunismo, como elementos coincidentes com o desvelar dos dramas existenciais do poeta.

Para Mário Faustino, conforme lembra Sant'Anna, “quem quiser conhecer o *Geist* brasileiro, pelo menos entre 1930 a 1945, terá que recorrer a Drummond muito mais que a certos historiadores, sociólogos e antropólogos e ‘filósofos’ nossos”⁵. Não há dúvida de que Drummond sempre foi marcado pela dimensão política. *Sentimento do mundo* e *A rosa do povo* são coletâneas que põem em maior evidência essa dimensão por assumirem uma tendência social e revolucionária de grande amplitude. Murilo Marcondes de Moura, em seu livro *O mundo sitiado: a poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial* apresenta aspectos consideráveis acerca do “engajamento” político de Drummond. Segundo ele,

é inequívoca a presença de um ideário de esquerda em Drummond, por vezes bastante próximo da ideologia comunista oficial, que se mostrava na época a alternativa mais clara, mas o que criou raízes fundas em sua obra foi antes a experiência mais ampla da guerra⁶.

O poema “Visão 1944”, de *A rosa do povo*, nos mostra não apenas uma descrição das imagens da barbárie, mas uma meditação inquieta acerca dos horrores da guerra. Trata-se de uma espécie de clamor, um grito que ecoa no escuro do mundo. Este poema, a exemplo de tantos outros presentes no livro, revela o caráter *ontológico* da linguagem, contrariando assim a linguagem do *Terceiro Reich*. Sem dúvida, é um dizer que denuncia as atrocidades da guerra, solidariza-se com os que sofrem, questiona a miséria humana provocada pelo ódio e pelo desejo escabroso de massacrar o outro, reduzi-lo a pó, torná-lo um nada. Afinal, a guerra é a nadificação da vida.

Meus olhos são pequenos para ver
a massa de silêncio concentrada
por sobre a onda severa, piso oceânico,
esperando a passagem dos soldados.

⁵ FAUSTINO apud SANT'ANNA, 1992, p. 88.

⁶ MOURA, 2016, p. 136.

(...)

Meus olhos são pequenos para ver
a distância da casa na Alemanha
a uma ponte na Rússia, onde retratos,
cartas, dedos de pé, boiam em sangue.

(...)

Meus olhos são pequenos para ver
a fila de judeus de roupa negra,
de barba negra, prontos a seguir
para perto do muro – e o muro é branco⁷.

Os trechos acima nos indicam, assim como todo o poema, o horizonte da resistência, as marcas de um conflito, onde a perspectiva do ser do homem fora esquecida. Trata-se de um poema imagético. Aqui também se vê, pensando agora em Jacques Derrida, a *cena* e o *fundo*, o conteúdo manifesto que se estabelece em cada estrofe, e o conteúdo latente, aquilo que se encontra por trás de cada cena. A linguagem instrumental, utilitária, presente nas palavras da guerra, seu discurso imperativo quando os carrascos recebiam ordens para torturar e matar é, sintomaticamente, contra-argumentada a partir do discurso poético. Este poema pode ser lido ao lado do poema *Todesfuge*, de Paul Celan, poeta judeu-alemão, vítima da perseguição nazista que, utilizando-se de uma linguagem caracterizada pela não-comunicação, pela marca do indizível, apresenta uma poética testemunhal do terror.

A angústia de Drummond, impulsionada pela sua consciência política, social e humanista é algo premente, fazendo o poeta colocar sob suspeita até mesmo a ação efetiva de Deus no mundo. Assim, ele concebe esse tempo de barbárie, exprimindo a sua solidariedade às vítimas da guerra e a todos os povos por ela atingidos, a exemplo dos judeus. Apesar do poeta se posicionar como um homem sem esperança e incerto quanto à existência de uma força divina que rege a vida, paradoxalmente, o seu sentimento solidário, o seu clamor pela emergência de um mundo justo e sem guerras apontam para um horizonte pertencente à utopia do cristianismo. Até mesmo o período da Primeira Guerra

⁷ ANDRADE, 2007, p. 171.

Mundial tomou parte das reflexões do poeta. Vejamos o poema intitulado “1914” (in: *Boitempo I*): “o grito/ do soldado partido/ em nós no campo raso” (p. 592).⁸

Nos Poemas de *A rosa do povo* em que a realidade política é abordada por Drummond e, conseqüentemente, as catástrofes produzidas pela Segunda Guerra Mundial, não se tem uma busca de salvação a partir da esfera divina. Deus não comparece nessa lírica como aquele que a quem se pode recorrer nos momentos de aflição. Estamos diante de uma extrema barbárie onde nada mais resta ao poeta senão contestar e se indignar. Drummond imprime em sua obra a marca de uma consciência cética. Para ele, é como se o mundo não tivesse mais conserto.

As inquietações acerca da concepção de Deus, as suas perturbações quanto à dimensão espiritual, são bastante visíveis em muitos momentos da sua trajetória poética. Porém, na sua poesia de cunho político-social, como atesta o teólogo Alex Villas-Boas, “esse Deus apático à dor humana, é dispensável para o tempo de desolação”⁹. A propósito, valiosas são as reflexões de Villas-Boas acerca da relação dialogal do poeta com a perspectiva teológica. Para tanto, faz-se necessário recorrer ao livro *Teologia e poesia – a busca de sentido em meio às paixões em Carlos Drummond de Andrade como possibilidade de um pensamento teológico*¹⁰.

Evidentemente, a influência materialista e o impulso revolucionário do comunismo, estão presentes no escopo da obra drummondiana. Como se sabe, para essa corrente ideológica, a história é produto das mãos humanas, não havendo, portanto, nenhuma participação de Deus nos problemas do mundo. No poema “Rifoneiro Divino” que compõe o livro “A paixão medida”, Drummond lança uma série de indagações acerca da ação de Deus nas coisas: “Deus está em nós? E nós,/ responde, estamos nele?” (p. 536). Já no poema “Versos de Deus”, constante no mesmo livro, ele escreve: “No mais alto ramo/Deus está pousado/com uma garra apenas e fita o mundo” (p. 556).

Apesar de todo o ceticismo presente no *pensamento poético* de Carlos Drummond de Andrade percebe-se que esse poeta sempre se mostrou solidário

⁸ ANDRADE, 1983, p. 592.

⁹ VILLAS-BOAS, 2011, p. 56.

¹⁰ Sorocaba: Create Editora/São Paulo: Loyola, 2011.

às dores dos homens e aos dramas da vida. A solidariedade e a compaixão, a necessidade de ir ao encontro do outro, são características bastante recorrentes em sua poesia, conforme mencionamos.

Drummond, de certa forma, em muitos momentos da sua poética promove uma espécie de desconstrução da concepção de Deus presente no texto bíblico. Em seus escritos às vezes nos deparamos com a noção de um Deus fraco, indiferente, um produto da imaginação humana tratado pelo poeta com ironia. Outras vezes um Deus mais próximo do discurso religioso. “Perdão Senhor, por não amar-vos” (“Estampas de Vila Rica” in: *Claro enigma*)¹¹ Este verso, por exemplo, nos remete a uma questão digna de observação: aqui há um Deus que perdoa, portanto, um Deus bíblico, mas que o poeta confessa não amar, não crer Nele, e pede perdão por isso. Eis um paradoxo. Pedir perdão a Deus não seria uma atitude de fé?

Em *A rosa do povo*, o que verificamos é uma poesia que apesar de suprimir a noção de Deus, também não constrói um discurso de caráter ateuista. A partir deste aspecto, convém perguntar em que medida Drummond através do seu comprometimento com os que sofrem, com as vítimas das injustiças, não estaria deixando aflorar a sensibilidade cristã do menino que outrora ele teria sido. No conto intitulado “Um lírio por acaso” (In: *Discurso de Primavera e algumas sombras*), referindo a si mesmo ele diz: “coração de um distraído agnóstico”¹². Evidentemente, não encontramos nos versos de *A rosa do povo*, algo semelhante àquilo que se apresenta na poesia social de Pedro Casaldáliga onde o clamor pela justiça se dá através da articulação com a relação entre fé e política. A esperança, um componente indispensável à dimensão das religiões, não comparece nessa lírica de Drummond. Apesar disso, ao contestar a guerra o poeta está contestando a estupidez do assassinato e da carnificina, o que o coloca no horizonte do mandamento de Deus aos homens: “Não matarás!”¹³

Referências

ANDRADE, Carlos Carlos Drummond de. *A paixão medida*. 4ª ed.. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

ANDRADE, Carlos Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

¹¹ ANDRADE, 2001, p. 19.

¹² ANDRADE, 1978, p. 41.

¹³ Êxodo 20:13. In: *BÍBLIA SAGRADA*, 2005, p. 121.

ANDRADE, Carlos Carlos Drummond de. *Claro enigma*. 14^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ANDRADE, Carlos Carlos Drummond de. *Discurso de primavera e algumas sombras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

ANDRADE, Carlos Carlos Drummond de. *Nova reunião*: 19 livros de poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. Volume III.

BÍBLIA SAGRADA. 165^a ed. São Paulo: Edição Clarentiana, 2005.

KLEMPERER, Victor. *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*. Trad. Miriam Bettina P. Paulina Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

MOURA, Murilo Marcondes de. *O mundo sitiado: a poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial*: Editora 34, 2016.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Drummond: o gauche no tempo*. 4^a ed.. Rio de Janeiro: Record, 1992.

VILLAS-BOAS, Alex. *Teologia e poesia: a busca de um sentido em meio às paixões em Carlos Drummond de Andrade como possibilidade de um pensamento poético teológico*. São Paulo: Create Editora, 2011.

Currículo abreviado do autor

Antônio Wagner Veloso Rocha é doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professor do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e do Programa de Mestrado em Letras/Estudos Literários dessa mesma instituição.

Recebido em 30/09/2017.

Aprovado em 18/12/2017.